

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



MÃE BELA - PROTAGONISMO NO PROTESTANTISMO RURAL BRASILEIRO

Lauana A. Flor¹

Ao longo da história da humanidade a função de uma parteira tradicional demonstrou ter uma enorme contribuição social, fator que consolida tradicionalmente a sua imagem à assistência não somente ao parto, mas também à gestação e ao puerpério. Sendo essencial desde o início da gestação e tendo seu conhecimento popular e empírico comungado por jornadas inteiras, a atuação de uma parteira se apresentava como uma necessidade urgente em locais e culturas variadas. E desta maneira, com o passar dos tempos, tal atividade se conformou como elemento importante de variadas teias sociais, cujas práticas tradicionais acalentavam mulheres e demais adoentados quando em busca de cuidados relacionados à saúde por meio de atendimento integral e humanizado (Freischer, 2007; Maia, 2013).

Em contextos onde inexistia o acesso à medicina científica e, em locais onde tardaram em chegar as novidades do mundo moderno, reinava largamente e juntamente com a figura de uma parteira tradicional a medicina rústica ou popular², chamada assim, pois de forma tradicional, se valia também de crenças e expressões religiosas como ferramentas para a cura dos males do corpo e da alma. Toma-se como nota a definição dada pelo Ministério da Saúde ao indicar que parteira tradicional é aquela que presta assistência ao parto domiciliar com bases nos saberes e práticas tradicionais, sendo reconhecida pela comunidade local para tal ofício. No Brasil, este termo diz respeito também às parteiras indígenas e quilombolas conforme dados do próprio Ministério da Saúde citados na cartilha *Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais* (2010). Necessário ressaltar aqui os reflexos das posições sociais que estes sujeitos ocupam nos espaços culturais e religiosos por meio de análises críticas que

¹ Doutoranda e mestra em Ciências da Religião – UMESp. Bolsista CNPQ. E-mail: lauanaflor79@gmail.com

² Neste cenário também atuam as figuras da/os curandeira/os, raizeira/os, benzedeira/as, dentre outra/os.

privilegiem marcadores sociais como classe social, raça, gênero, idade e etc. E de fato, ainda hoje são as parteiras tradicionais importantes agentes de saúde popular quando da inexistência dos aparatos públicos de saúde em regiões longínquas de nosso país.

Nesse sentido, nota-se que Alceu M. Araújo em sua obra *Medicina Rústica*, se recusa em catalogar as práticas populares de saúde como “superstições, exotismos, práticas abomináveis”, pois para ele:

As práticas da medicina popular necessitam melhores observações e não podemos descartá-las pura e simplesmente sem estudar o seu contexto cultural, sem participar da vida, da interação daqueles que nos deram os informes ou principalmente os vimos praticando, enfim, vivendo as experiências por nós anotadas (2004, p. 9).

De fato, nas assistências que davam mediante o socorro às gestantes, às parturientes e às puérperas, as parteiras preparavam toda sorte de misturas, bebidas, chás e infusões fazendo usos de técnicas e da fé através de benzeções, orações e etc. E assim, por ter a compreensão de que a atuação de uma parteira possui um alcance múltiplo, julga-se importante retomar a pesquisa em torno de uma figura singular: Mãe Bela – Odete da Costa Vale (1907-1983).

Mãe Bela é um nome conhecido na região de Cabeceira Grande - meu lugar social de origem e formação. Ao que tudo indica, Mãe Bela aprendeu o ofício - a prática da parteiragem e o conhecimento de ervas com a própria mãe, a sra. Ana Carolina Sales. Como parte da educação na roça, esse tipo de conhecimento era transmitido como mecanismo de sobrevivência contra os males do corpo e as amarguras da alma, já que o uso de ervas era acompanhado com certos rituais de fé, demonstrados através de, por exemplo, uma oração ou balbúcio dela diante dos atendimentos e dos pedidos de socorro.

Eu cresci ouvindo relatos variados sobre Mãe Bela e de como era benevolente com as pessoas necessitadas que a ela recorriam pedindo ajuda, remédios e etc. Em minha trajetória pessoal, posso assegurar que antes de conhecer as figuras ilustres do protestantismo no Brasil, como Ashbel Green Simonton, José Manuel da Conceição, dentre outros, eu ouvi falar de Mãe Bela, a ilustre parteira presbiteriana de Cabeceira Grande, esse pequeno município e único das Minas Gerais que faz divisa com o Distrito Federal.

Em uma visão mais objetiva da sociedade local, além da representação cativa à comunidade protestante, a imagem da parteira presbiteriana ainda é notória e permanece na memória coletiva local inicialmente por força da formação do Clube de Mulheres Princesa Isabel (atual Associação de Mulheres Princesa Isabel) e a fundação da Creche Mãe Bela na década de 1980, hoje Centro de Educação Infantil Mãe Bela³. Tais questões foram de forma muito leve e resumidamente apresentadas em minha dissertação *Manoel Moisés, Mãe Bela e o protestantismo rural na história da Igreja Presbiteriana em Cabeceira Grande, 1947-1970* (Flor, 2012).

Contudo, pesquisando a relação do presbiterianismo local com as culturas populares tradicionais na região mencionada e ao usar essas duas figuras centrais de grande relevância para o protestantismo local como foco de pesquisa, me deparei com uma questão muito importante e ao mesmo tempo conflitante e desafiadora. De fato, o protestantismo naquela região fora apresentado por meio da passagem de um homem simples por ali- o lavrador Manoel Moisés da Silva (1905-1972) - e, embora ambos, pobres e analfabetos, a figura masculina de um pregador bíblico acabou por ofuscar os feitos da parteira e de certa forma, a importância dela fora relegada ao segundo plano, diante dos depoimentos colhidos durante a referida pesquisa. De maneira mais ampla, também se faz importante destacar que os relatos sobre a biografia de Mãe Bela perpassaram importantes movimentos do presbiterianismo brasileiro, inclusive aqueles específicos através dos quais são encenados parte da dissolução das missões estrangeiras em solo nacional. Passaram pela região que atualmente é o município de Cabeceira Grande oficiais da Missão Brasil Central - CBM (sigla em inglês, Central Brazil Mission) e da Missão Oeste do Brasil - WBM (sigla em inglês, West Brazil Mission). Contudo, o núcleo protestante fincou raízes profundas a partir da movimentação de elementos leigos a despeito da incipiente assistência dos agentes oficiais, pastores e professoras missionárias. E Mãe Bela foi protagonista nesse cenário.

Mãe Bela era natural da região e foi uma das primeiras adesões ao protestantismo naquele contexto; viveu toda a sua vida ali. Por tal razão, devido a sua atuação social, julga-se a princípio, tornou-se um dos principais elementos de aglutinação e consolidação do núcleo protestante naquela região. É Mãe Bela a principal benemérita

³ A Creche Mãe Bela foi originalmente criada e gerida pela Associação de Mulheres, mas atualmente está sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal de Cabeceira Grande-MG.

da Igreja Presbiteriana de Cabeceira Grande, tendo inclusive doado o terreno para construção do primeiro templo, construído em forma de mutirão e inaugurado em 1970 (Flor, 2012).

Decorre daí a inferência de que Mãe Bela pode ser vista como um componente esclarecedor e relevante na teia do protestantismo brasileiro pela sua atuação social e a sua pública fé sendo parteira na referida região mineira. Conforme os relatos registrados por meio da história oral temática⁴ (Meihsy, 2005), Mãe Bela era mais do que uma parteira – era ‘médica’, chazeira, raizeira da roça. Seu campo de atuação era amplo, pois necessário àquele local, onde as mazelas da vida e as enfermidades do corpo eram combatidas com um mínimo de artefatos e com o empenho da fé num Brasil rural nos idos do séc. XX. Ela não era a única parteira e ‘médica’ da região, mas a de maior prestígio e carisma, conforme relato da sra. Hilda José Viana (Flor, 2012). Além dessa atuação de cunho social, a figura de Mãe Bela foi apontada como arrimo estratégico da comunidade protestante na região pois sua casa servia como ponto de pouso para as/os missionárias/os e pastores que por ali esporadicamente passavam nos idos dos anos 1950. Além disso, foi comum a menção ao fato de que ela atuava como uma espécie de guia local por conhecer as estradas e as moradas das gentes da região quando de seu contato com o andarilho Manoel Moisés. Ele era o pregador, mas Mãe Bela era a sua informante.

Uma outra evidência deriva daí - a de existir outras formas de se experienciar o protestantismo - distante e diferente do dito protestantismo tradicional e urbano. Tiago Watanabe exemplifica muito bem esta questão no contexto de sua pesquisa *De pastores a feiticeiros: a historiografia do Protestantismo brasileiro (1950-1990)*, ao indicar que:

fizemos entrevistas na pequena comunidade presbiteriana de Apiaí-SP, e constatamos que as temporalidades dos relatos da comunidade eram diferentes das matizadas pelos livros institucionais. A percepção de um universo protestante, sobretudo rural dos anos 1940/1950, muito diferente do divulgado pela história eclesíástica e da sociologia (principalmente weberiana), nos fez atentar para um universo cultural e religioso protestante mais amplo, de sujeitos religiosos que enfrentavam “medos” como a mula-sem-cabeça, os espíritos noturnos, as “almas penadas”, e a persistência da consulta a oráculos, ida a benzedeiros próprias do universo católico rural e absolutamente distantes do cânone protestante (2011, p. 13).

⁴ Destaca-se aqui a importância dessa metodologia de pesquisa para o registro da pesquisa. No total, foram realizadas oito entrevistas.

A percepção de Watanabe corrobora com algumas suspeitas e sugere algumas lacunas existentes em relação aos estudos do protestantismo brasileiro. Diferentemente de algumas poucas biografias de mulheres protestantes⁵, majoritariamente vinculadas aos movimentos institucionais como esposas de pastores, missionárias, evangelistas e professoras missionárias, a história de Mãe Bela vai além, pois seu campo de atuação indica efetivamente “as astúcias” e “trampolinagens” relacionadas ao “consumo” da mensagem protestante, assim me referindo usando ideias esplanadas por Michel de Certeau (2008).

Tanto Antonio Gouveia Mendonça (2008) como Emille Leonard (2002) se debruçaram sobre o tema da inserção do protestantismo no Brasil. Para ambos, o ambiente fundante do protestantismo brasileiro era o contexto relacionado ao mundo rural de fazendeiros e sitiantes e as suas respectivas famílias. Para Emille G. Léonard “foram os simples sitiantes que em certas regiões constituíram o ambiente privilegiado para o desenvolvimento do protestantismo brasileiro”, tendo por base, dentre outros, os sitiantes de Brotas, Dois Córregos, Rio Claro, regiões paulistas e também, Borda da Mata, no estado de Minas Gerais (2002, p. 111). Nesse sentido, o autor ainda afirma que “os nomes de fazendeiros são numerosos ao estudarmos a origem das igrejas protestantes no Brasil e pode-se dizer que a maior parte destas comunidades nasceu nas próprias fazendas” (Léonard, 2002, p. 110). Portanto, era esse o ambiente fundante do protestantismo brasileiro intimamente relacionado ao mundo rural de fazendeiros e sitiantes e as suas respectivas famílias.

De fato, o protestantismo de missão, especificamente o presbiterianismo, apesar de ter dado os primeiros passos em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife, grandes centros populacionais do século XIX, não foi capaz de atingir as classes dominantes fortemente imersas na religião católica e isso, não só por motivos religiosos, mas principalmente políticos (Mendonça, 2008; Ribeiro, 2009). Mas longe desses centros mais povoados e desenvolvidos ao longo da costa brasileira, o protestantismo soube aproveitar as brechas e as fissuras para a sua inserção nas zonas rurais. Antônio Gouveia Mendonça (2008, p. 184) indica que o protestantismo, para além da trilha do café, fora predominantemente urbano e de rarefeita intensidade (2008, p. 184). Ou seja, inicialmente, a cartografia do protestantismo se solidificou no Brasil rural

⁵ Para se ter uma maior dimensão sobre estes fatos, ver por exemplo, Rute Salviano (2014)

e nesse ambiente interagiu com variados tipos sociais e entre todas as camadas da sociedade brasileira. Obviamente, as características do Brasil rural do séc. XIX se diferem progressivamente do Brasil rural nos idos dos séculos XX e XXI. E nesse sentido, não se pode deixar de registrar que a transição entre o rural e o urbano no Brasil vai acontecer efetivamente somente na segunda metade do séc. XX.

Portanto, vale destacar que são esses sítios e moradores das zonas rurais que carregam no cotidiano os elementos e crenças sem forte embasamento nas religiões institucionalizadas, mas muitas vezes discriminados pela implantação da nova fé quando não, eliminados na memória institucional e confessional. Conforme bem indica Michel de Certeau:

Os “crentes” rurais desfazem assim a fatalidade da ordem estabelecida. E o fazem utilizando um quadro de referência que, também ele, vem de um poder externo (a religião imposta pelos missionários). Reempregam um sistema que, muito longe de lhes ser próprio, foi construído e propagado por outros, e marcam esse reemprego por “super-ações”, excrescência do miraculoso que as autoridades civis e religiosas sempre olham com suspeita, e com razão, de contestar às hierarquias do poder e do saber da sua razão. Um uso (“popular”) da religião modifica-lhe o funcionamento (1998, p. 78).

Corroborando com as operações dos assim chamados por Certeau de ‘crentes rurais’, tem-se a ideia do protestantismo rural. Observa-se dentro do cenário do protestantismo rural “a inexistência de rupturas com o catolicismo de raiz pré-existente no lençol de cultura caipira brasileiro”, e assim, as principais características desse tipo singular protestante, o protestantismo rural, giram em torno das questões de: 1) familiaridade com o sagrado: que se manifesta através da reinterpretação dos símbolos e ritos, a compreensão da natureza como instrumento e voz de Deus, do estabelecimento sincrético de ritos produtivos e protetivos e da compreensão do mundo sobrenatural dentro de uma hierarquia que inclui os seres fantásticos e 2) o caráter lúdico: que dentro do cenário da religiosidade caipira se sustenta levando em consideração as festas, os mutirões e os laços de compadresco (Ribeiro, 2009, p. 202). E é dentro desta perspectiva que ocorre a análise sobre os feitos de Mãe Bela.

Sendo assim, tendo como questão principal o protagonismo feminino no protestantismo brasileiro, numa vertente mais popular, a atuação social e as práticas ‘médicas’ e religiosas de Mãe Bela devem ser colocadas em relevo pois é manifesto que a parteira imbuída de carisma e respeito diante de seu contexto vivencial e a memória de sua trajetória pessoal ainda permanece no dado contexto social. E diante disso, é necessário

delinear e descrever sua biografia, identificar os componentes e a gradação de sua fé e assim, examinar a importância de sua atuação social, inserida numa rede de relações mais amplas, além do espaço institucional, no dado contexto mineiro de Cabeceira Grande pois como se-sabe:

As mulheres e as religiões possuem antigas e profundas relações, baseadas em muitas pautas de atuação social, cultural, religiosa e familiar. As vidas femininas são complexas teias de relações com a sociedade, as tradicionais da religião institucional e os mundos dos homens. Desses mundos femininos, só se aproxima quem se deixa envolver, quem está atento aos interstícios e quem abre o olhar para novas perspectivas (Silveira; Silva, 2013, p. 108).

O enquadramento dado ao tema contribui para as discussões necessárias sobre o protagonismo feminino no protestantismo brasileiro. Também se relaciona intimamente aos debates sobre as práticas médicas populares, circundando discussões que dizem respeito ao parto, à gestação e ao puerpério diante da cadência do feminismo e da luta pelos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres.

No entanto, estudar o protestantismo no Brasil sem voltar aos ditos lugares comuns é uma tarefa quase impossível. Mas mesmo assim, parece ser uma alternativa refletir criticamente as linguagens simbólicas e concretas que circundam a história religiosa de nosso país e nossa gente e ao mesmo tempo, apontar novos direcionamentos e imagens invisibilizadas. Desta maneira, pesquisar as práticas de fé e cura de uma parteira presbiteriana nos apresenta novos e esclarecedores debates acerca do protestantismo no Brasil, pois assinala-se aqui a importância das práticas médicas de Mãe Bela como componente fundamental de sua atuação social. E tal direcionamento assinala os aspectos culturais, de crença e das concepções acerca das mentalidades populares protestantes, além é claro de pontuar a história religiosa das mulheres. Conforme nos indica Anete Roesse:

Por um longo tempo acompanhamos pesquisas centradas no estudo das religiões hegemônicas, institucionalizadas, e no modo de operação destas e das figuras protagônicas – que são majoritariamente masculinas. No século XXI, será nos espaços para além das religiões formais que poderemos averiguar o que é religião, sobretudo quando se trata de pesquisar o vínculo das mulheres com a religião (2015, p. 1535).

Com a experiência fundante nos caminhos da história oral, foi possível assinalar a importância da atuação de Mãe Bela na região. E no que diz respeito aos seus conhecimentos da medicina popular, mesmo depois de sua adesão ao protestantismo, a Mãe Bela couberam denominações tais como: curandeira (no sentido de dom de cura), raizeira, chazeira e remedeira da roça. E tendo esta prática íntima relação com o universo

rural foi possível intuir que Mãe Bela, sendo parteira em seu contexto, era parte fundamental e necessária, bem como também o seu apego à religião era essencial e algo que lhe dava maior credibilidade. E de fato, as práticas de fé representam uma parte estruturante do ofício da parteiragem tradicional.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Rute Salviano. Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino. São Paulo: Hagnos, 2014.

ARAÚJO, Alceu Maynard. Medicina rústica. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais [recurso eletrônico]: o Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e experiências exemplares / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/parto_nascimento_domiciliar_parteiras.pdf. Acesso em: 21/09/2021.

CERTAU, Michel de. A invenção do cotidiano – as artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

FLEISCHER, Soraya Resende. Parteiras, buchudas e aperreios: uma etnografia do atendimento obstétrico não oficial na cidade de Melgaço (PA). Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

FLOR, Lauana A. Manoel Moisés, Mãe Bela e o protestantismo rural na história da Igreja Presbiteriana em Cabeceira Grande-MG (1947-1970). Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, 2012

LÈONARD, Emille G. O protestantismo brasileiro. São Paulo, Aste, 2002

MAIA, Luna Maia. Com o poder de Deus nas mãos: Concepções das parteiras acerca da vivência do parto numa perspectiva da espiritualidade. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

MEIHY, J. C. S. B. Manual de história oral. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MENDONÇA, Antonio Gouvea. O celeste porvir – a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Aste, 2008.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. Protestantismo rural: um protestantismo genuinamente brasileiro In: Novas Perspectivas sobre o Protestantismo Brasileiro. 2 ed. São Paulo: Fonte Editorial / Paulinas, 2009, v.1, p. 189-230.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. Protestantismo Rural – Magia e Religião Convivendo pela Fé. São Paulo: Editora Reflexão, 2014.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. Religião/magia/ vida de um protestantismo rural: uma análise do bairro rural de São João da Cristina, MG. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, 2005.

ROESE, A. Religião e feminismo descolonial: os protagonismos e os novos agenciamentos religiosos das mulheres no século XXI. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 13, n. 39, p. 1534-1558, 5 out. 2015.

SILVEIRA, Emerson José Sena da; SILVA, Dayana Dar'c da. Mulher, magia e poder na ilha de colares (PA). Mandrágora, v.19. n. 19, 2013, p. 107-123.

WATANABE, Tiago Hideo Barbosa. Escritos nas fronteiras: os livros de história do protestantismo brasileiro (1928-1982). Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual Paulista, 2011

WATANABE, Tiago Hideo Barbosa. De pastores a feiticeiros: a historiografia do Protestantismo brasileiro (1950-1990). Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.